

# A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg 2,0

ANNO. 24 francos  
SEMESTRAL. 12 francos  
AVULSO. 4 francos

No real de Europa 13 Reals por 100 Anos 20 Reals por 100

3.º Anno. — Volume II. — Numero 51.

PARIS 5 DE FEVEREIRO DE 1885

Director: MAREANO

RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE COMMUNICAÇÃO, 11, Mo. Ouvidor.

ASSIGNATURAS

ANNO. 6 francos 4 firm

SEMESTRAL. 3 francos 2 firm

AVULSO. 1 francos 1 firm

12.000

6.000

1.000

500



OS FREMORES DE TERRA EM HESPAÑHA

O PRIMEIRO ABALO



## POETAS E PROSADORES

Não viram com que brio e com que furia o meu querido collaborador Jayme de Segueir, no ultimo numero da ILUSTRAÇÃO, cahia a fundo, a penna terrivel e scintillante, capaz de causar inveja a um bello florete seguro por Merignac, — sobre nós todos... nós todos que formamos a longa e triste caravana dos prosadores?

Lembram-se da famosa phrase? — *A prosa não é uma linguagem.* — Eis a terrivel sentença, a estocada a fundo sobre o coração do adversario; o golpe mortal; um peito que pinga sangue; e um corpo que cae desamparado sobre o terreno ainda humido do orvalho da madrugada...

Correm os medicos e correm as testemunhas. Mas o adversario está morto e bem morto — o coração deixou de bater, e uma onda de sangue sobe-lhe aos labios e vem purpurear-lhe a barba. D'alli, do campo da honra, só para o cemiterio. Foi uma existencia que se apagou — um candelero onde se acabou o azeite.

Depois d'aquella estocada devemos tambem pegar na Prosa e atirar com ella para a cova? Devemos?...

Ah! não, meu caro Segueir, meu delicioso prosador e meu delicioso poeta.

E mesmo que o golpe tivesse sido mortal e que a cova tivesse de se abrir para receber o corpo da infeliz, ainda não ficava V. sobre a terra para dar razão ás pretensões da desditosa. Porque nós ainda não sabemos quando é que mais o devemos admirar — se quando V. rima, ou se quando V. justamente não está para ahí disposto. Ainda não sabemos se nos cumpre fazer votos ao céu para que nunca ponha de lado a linguagem dos deuses — ou a linguagem dos homens!

E depois, o nosso poeta tem todo o artificio d'um advogado habil que é capaz de fazer convencer não só a sociedade, mas até o proprio criminoso que effectivamente não foi elle — depois de ter confessado o crime! — que deu cabo da victima.

A Prosa não é uma linguagem que mereça a consideração e a estima dos artistas de bem. A prosa é uma linguagem que se fez para o meu vizinho da esquina, para as criadas de servir e para os soldados da municipal — attendendo a que não se poderiam facilmente exprimir, entre gente, apenas por meio de guinchos e de caretas — como os macacos. A Prosa é finalmente a coisa vil de que os poetas se servem, quando querem defender a Poesia diante dos ataques dos ignorantes! E o bocado de papel de que se precisa n'um dado momento para pegar pela cauda o rato morto que se deita pela janella.

E quando por acaso apparece Prosa magnifica — o poeta afirma que não é tal um prosador que falla... mas sim um poeta disfarçado em soldado da municipal! Ora descarreguem a espingarda! Belles traz ao hombro e vejam o que tinha lá dentro. Polvorão!... Pois não fôste! — estrellas pisadas n'um almofariz. Buchas de papel?... Isso sim! — de nuvens e que ellas são, e de nuvens purpureadas por um poente d'abril. Balas!... Qual historia! — Botões de rosa! — E pegando em meia dúzia de linhas do sr. Ramalho Ortigão exclama:

— Aqui está um poeta disfarçado!

E pegando no sr. Ramalho por baixo dos braços, arrancou-o á terra, despio-o das vesti-

mentas enganadoras, das vis rabonas socieas, o levou-o através do azul, n'aquella mesma nudez em que Segueir se viu um dia no *tepidarium* do Hammam, e que elle descreveu maravilhosamente em prosa (o bandido!) nas columnas da ILUSTRAÇÃO.

Ora o meu caro Segueir ha de permitir que o mais humilde dos municipaes, isto é: que o mais humilde dos que em publico se servem da linguagem feita expressamente para quarteis e cadeias — tenha o arrojo de lhe dizer que para fazer bem prosa, é necessario empregar tanta sciencia, tanta experiencia e tanto trabalho, como para fazer bem verso.

De resto, não é ao meu amigo que eu devia dizer esta cousa tão vulgar nos nossos bastidores. É o caso de pretender ensinar o *Padre Nosso* a quem todas as manhas diz a missa.

Segueir trouxe para o publico uma questão de pura cosinha litteraria. Em vez de servir simplesmente o seu prato delicioso — quiz mostrar aos leitores como se fazia o guisado. Ora mostremol-o é sem paradoxo, meu caro poeta.

De que dispõem os senhores?... Do metro, da rima e do rythmo.

Os senhores são como os wagons dos caminhinhos de ferro — as rodas hão de perfeitamente assentar sobre os rails. Se o eixo é mais largo ou mais estreito, as rodas não assentam, o wagon não pode portanto marchar — põe-se de lado o poeta, porque não presta!

No dia em que os senhores tenham o ouvido educado para não fallar á medida, um bom peculio de rimas, e um bom peculio d'imagens sonoras, — os senhores começam a cantar as suas canções, e quando nós temos preso, a nós publico, com o rythmo dos seus versos e com a musica das suas rimas... podem rimar um dia inteiro — que ninguém se lembra nem do almoço, nem do jantar que nos espera! Aqui está a vossa força, a razão da superioridade que os senhores dizem ter sobre os prosadores — poderem cantar vinte e quatro horas sem fatigar o espectador, sem mesmo lhe dar tempo para pensar, reflectir, criticar... tal é a embriaguez.

Ponham um homem soffriavelmente illustrado a ouvir durante uma hora Massenet — não dirá uma palavra. Ponham esse mesmo homem a ouvir Castelar discursando — no fim de cinco minutos ha de querer ter uma opinião!

De que dispõem os prosadores?... Apenas do dictionario que tanto foi feito para elles, como para os poetas, como para os collegiaes, como para os amanuenses. Os dictionarios são como o vinho — não é destinado a um só paladar, mas ao paladar de todos.

Para esses miseraveis é que não ha rails preparados d'ante-mão onde elles rôlem docemente, como a Poesia rolando sobre o seu metro e a sua rima. Ha apenas o deserto do papel em branco, sem o bordão das regras, sem o oasis V. perdõe, mas o oasis veio sem eu querer! da arte poetica onde os poetas se refrescam quando houve secça d'ideias. O deserto mudo, implacavel do papel em branco. Um tinteiro que exige que o evasiem. Uma penna furiosa, impaciente de morder no papel. E um feditior gritando á porta:

— Salta original! salta original!

E então meu caro Jayme, sem metro nem rima que lhe sirva d'amparo, que o prosador tem que começar esta coisa horrivel que se chama o artigo, a chronica, o folhetim ou o romance. Horrivel — porque é necessario ser-se tão destro, tão ágil, tão impassivel, tão senhor da sua maromba, como Blondin quando atravessou o Niagara.

As phrases são de todos os tamanhos e de todos os feitios. Ha-as curtas como folhas de canivete, e longas como um lamento. Ha-as magras como as espadas e gordas como as boboras. E é preciso pôr todas em movimento, fa-

bricar uma grande variedade, empregar os modelos mais diferentes.

E que depressa que uma phrase ás vezes se estraga! São bem mais felizes os cosinheiros com os seus molhos e os confeiteiros com o seu assucar em ponto...

A phrase está feita, preparada, alinhavada no nosso cerebro. Vae descer pelo braço, correr pelos dedos, entrar pela caneta, enfiar pela penna — para que a tinta a estenda no papel. Ora infelizmente a penna não tem tinta, e no segundo que foi ao tinteiro a bella phrase alterou-se; e por mais que se risquem palavras e se rasgue papel; e se recomece o periodo, e o paragrafo, e o capitulo até, a phrase não veio... não veio... perdeu-se... alterou-se... pia com ella!

E n'uma paisagem, mais um periodo estragou o quadro. E n'uma critica, mais um exemplo tornou a pagina pedante. E n'um dialogo, mais uma exclamação, um simples *ah!* um *oh!* ou um *heim!* tornou a phrase vulgar e banal...

Em Poesia para todos ha umas regras e umas leis. Pode-se não ser poeta mas podem-se fazer bem versos. — Em Prosa não ha regras estabelecidas; cada qual tem de fazer uma lei, inventar um processo, crear uma formula. Quem não tiver alguma cousa no ventre, apesar de dez annos de trabalho, não é capaz de illudir o publico, cinco minutos.

E quando um prosador, justamente porque os poetas gosam d'uma larga sympathia e d'uma grande benevolencia, chega a produzir uma obra que o publico applaude com as mãos ambas — feliz do que tal obra tiver produzido, porque produziu uma obra duradoura. E quando as gerações futuras tambem o applaudem, então não sei qual é mais immortal — se a obra do poeta, se a obra do prosador. Porque foram simples prosadores — Rubens, Montaigne, Diderot, Balzac, Flaubert... E quando um individuo é ao mesmo tempo poeta e prosador, é quasi sempre o prosador quem fica — como succedeu com Voltaire.

Emilio Zola n'uma resposta a Armand Silvestre, poeta-prosador que negava a immortalidade ao romance, concluiu do seguinte modo:

« O sr. Armand Silvestre expulsa-nos da positividade, a nós romancistas que acreditamos na vida e que negamos o absoluto. Seréi mais generoso do que elle, abrirei os seculos aos poetas. Sobamos todos juntos, o que é muito mais fraternal, porque os nossos esforços são eguaes. Não consinto que me accuse de es-crever ligeiramente sobre a areia, quando eu quero querer que o sr. só rima sobre bronze. »

Não será esta a verdadeira e generosa resposta que os prosadores devem mandar de presente ao meu caro Segueir, poeta e prosador, tão bello prosador como poeta!...

Vamos, meus senhores! E darem-se as mãos e trepar quanto antes para o azul, para que eu cá de baixo, com os humildes, tenha o prazer de ver o publico, applaudil-os com enthusiasmo!

MARIANO PINA.

Com este numero é distribuido aos nossos assignantes o indice do texto e gravuras do primeiro volume da ILUSTRAÇÃO, relativo ao anno de 1884. Quando mandarem encadernar as suas collecções devem collocar, não o indice no fim, mas as quatro paginas (costo e indice) logo ao abrir do volume, antes do numero 1. Nisto seguimos o systema usado pelas illustrações inglezas por ser o mais simples e o mais commodo.



**O** novo poemeto de A. Feijó *A janella do occidente* vem-me fornecer a agradável occasião de fallar d'este sympathico e viridante talento. Essa occasião ha muito que eu a desejava. Se já aprendi com o decorrer da vida a distingar por vezes as minhas repugnancias e mesmo as minhas aversões, ainda não adquiri a sciencia mais astuciosa de esconder as minhas predilecções e as minhas sympathias.

A admiração, o enthusiasmo brotam em mim como plantas livres, que profundam as suas raizes e bracejam as suas folhagens n'um solo e n'um ar puro de misturas e de invejas. Já por occasião do apparecimento dos *Transfigurações* e das *Lyricas e Bucolicas* eu me senti tentado a pagar ao moço poeta, em moda de sinceridade e de elogiosa franquesa, a cortezia do offerecimento dos seus dois primeiros livros a um confrade ausente e por ventura esquecido. Auroressava porém eu então um periodo de tristeza e de nostalgia que a saudade dos meus, o brusco espedaçamento de todos os meus habitos e de todas as minhas ligações, a doença physica, um lucto dolorosissimo, ferida ainda hoje gotte-jante, e a obsessão sinistra d'um céu constantemente brumoso e opaco como a abobada d'uma adega subterranea, a filtrar um incessante suor de humidade e chuva, serão talvez sufficientes para explicar. Não era esse o momento para expansões litterarias, tanto mais que essa tristeza invencível fizera do meu espirito um descampado esteril onde com as plantas dos areaes só brotavam ideias enricçadas de espinhos aggressivos e perforantes.

Hoje porém que sahi d'esse longo e tenebroso tunel, sinto um vivo prazer em ouvir de novo ecoar no meu caminho a voz vibrante e vigorosa do joven cantor da *Elegia rustica*. Essa voz porém não canta como outr'ora o victorioso Amor, o silencio do luar, a tumultuosa vida da Floresta, ou o hymno triumphante do Homem transfigurado em Deus.

Ha no seu canto uma indizível magoa, uma duvida cruel, uma especie de sinistro desalento, que encontra a sua mais eloquente expressão n'estas duas esplendidas estrophes:

*De que serve luctar, luctar n'esta anciedade  
Por tudo quanto é justo e generoso e santo,  
Se a Dór, este sarcasmo, é a unica verdade  
Cujá estatua cruel foi amassada em pranto?*

*De que serve este esforço eterno em que se agita  
A nossa intelligencia em busca d'uma ideia,  
Se para além do aquí que sobre nós se argeia  
Nenhum raio despenda a escuridão maldicta?*

O que me surprehe de n'estes versos é justamente essa terrivel dór que rói o coração do poeta. Porque se tortura e se lamenta elle em face do inacessivel problema? No seu livro as *Transfigurações*, não nos fizera elle assistir a lenta mas segura evolução do seu espirito que, partindo das confusas e desconsoladoras especulações de Schopenhauer chegara pela força ascensional da reflexão e do estudo á tranquilla e calma região das verdades verificadas e positivas? Não nos deu elle nos seus bellos e entusiasticos poemas *Sacerdos Magnus* e o *Homem* a expressão das suas crenças juvenis no futuro glorioso da humanidade? A sua janella então deixava para o Oriente e por ella entravam a flux,

em vez de lamentos e gemidos, os canticos da natureza em festa, os gorgelos das aves, os perfumes das calices rubros, de envolta com ondas resplendentes de sol. Que se passou na sua alma depois d'isso, para que em vez dos hymnos triumphales de outr'ora, nos venha hoje dizer as amarguras, as Duvidas cruéis, os Desesperos sem sahida, tendo na mão em vez de theoria vibrante donde se escapavam bandos de canções aladas, a caveira mald e impeneitavel que Hamlet interrogou em vão?

Esperemos que este periodo de sombria desalento seja curto na vida do brilhante poeta e que elle renuncie em breve a esta lucta esteril com o Incognivel, que deve repugnar a sua natureza de trabalhador positivo. O premio que elle se tortura de não encontrar no impeneitavel Além, tem-no bem perto, dentro de si, no sentimento do proprio valor, na luminosa serenidade da consciencia. Parece-me que isto vale bem todos os paraizos imaginarios das diversas concepções theologicas, e que a Sciencia substituindo o principio da responsabilidade moral a antiga fatalidade inconsciente do destino, em vez de fazer na alma humana o vacuo glacial que o poeta deplora, lhe deu o estio, a força, a energia que resultam sempre da acquisição d'uma verdade grandiosa e da perda d'um erro inveterado.

O poeta inspirado e phantastico das *Lyricas e Bucolicas* revela-se em muitas das estrophes do poemeto actual. A forma é quasi sempre irreprehensivel. Certas quadras parecem ter nascido d'um só facto, tal é a perfeita unidade que desde o primeiro hemystichio ao ultimo as faz de uma só peça inteira, sem uma desfallencia, sem uma falha sequer. O verso sae-lhe flexivel, harmonioso; a rima é quasi sempre d'ouro e por vezes de diamante, deixando no ouvido o encanto singular da difficuldade vencida.

*Gastamos a existencia em tragicas batalhas  
E como recompensa ao nosso heroico ardor  
Ahamos a estaménha obscura das mortallas  
E o Golgotha fronteiro ás glorias do Thabor.*

*E anda n'este combate o Espirito oscillando  
Entre os gozos da vida e as suggestões divinas,  
Como um guerreiro estranho e barbaro scismando  
N'um deserto ao luar, entre montões de ruinas.*

Colhi ao acaso n'outra estrophe este delicioso verso:

*A crença, a eburnea flor de estames d'ouro e opala*

que faria corar de prazer Theodoro de Banville, e que me deu a mesma sensação voluptuosa d'uma melodia de Gounod instrumentada para harpas e flautas. Pullulam n'este poemeto como em quasi todas as poesias de A. Feijó as imagens felizes e imprevisas onde só por um acaso se insinua uma ou outra de gosto discutivel como esta da primeira estrophe:

*O poeta escancarava as chagas do seu peito,*

que além de acordar uma ideia repugnante, carece absolutamente de propriedade.

Mas logo depois se depura esta esplendida estrophe:

*Se a vida é illusão, triste metamorphose  
E Prometheu fallou no verbo de Jesus  
Sempre o justo ha de achar, na extrema apothiose,  
Sobre o Caucasos o abutre e no Calvario a Cruz*

que nos ingemnisca largamente da outra.

Sou muito apaixonado da Forma e do culto externo da Musa para findar este artigo sem alludir a certas imperfeições, aliás de facil correctivo, que fazem por vezes contraste violento com o esmero habitual do Poeta.

Assim este verso,

*O crente é um sonhador, o atheu é um insensato*

parece-me indispensavel, sobre tudo na segunda hemystichio em que além d'uma elisão violenta, tística e quasi impossivel, existe um hiato para o qual é pequena a capacidade local.

Além d'este, notei este outro, igualmente incorrecto por deficiência:

*Nas steppes do Norte o estrepito das lancas*

O primeiro hemystichio carece de uma syllaba.

Por que motivo tambem n'uma composição de trinta e uma estrophes de rimas alternadas, é bruscamente desmanhada a symetria da composição com uma quadra unica em que rimam o primeiro e o quarto verso e os dois centrais?

Estas observações podem parecer pueris ao leitor profano, mas a sr. Feijó é muito artista para as desprezar. Bem sei que o marmore da nossa lingua é duro e que o alexandrino se esculpe n'elle a custo; tanto maior e a gloria do poeta quando se esmera e teima n'esse custoso labor. É raro, de resto, que a materia plastica não ceda, quando o estatuario é consciencioso e tenaz.

Estas criticas de detalhe serviram-me tambem para dar a este artigo o claro-escuro indispensavel para que o publico o não tomasse pela obra d'um thuriferario servil. Ellas em nada diminuem o merito do poemeto e muito menos o do poeta, que só de nome conheço e a quem me não ligam outras obrigações que não sejam as da cortezia social. Sinto-me pois completamente á vontade para saudar n'elle um artista de brillantissimo futuro, e para lhe enviar d'esta brumosa Aquitania á sua florescente e viciosa Ponte de Lima, um cordial aperto de mão.

JAYME DE SEQUEIRA.

## A JANELLA DE JULIETA

A ALBERTO SILVA

*Esta é a alegre janella namorada,  
Onde a meio ella á noite se reclina;  
Eis o vaso com flores, a estimada  
Pioleta murcha, a dhalia purpurina...*

*Essa odorosa essencia delicada  
Vem d'esta mobil planta peregrina  
Que o muro vinga, o peitoril domina  
Em toraa, aerea e caprichosa escada.*

*Quanto a lua, destonca-se brilhante  
Parte a primeira perola formosa  
D'estes vidros no fulgido diamante;*

*E que enlós então a vista goza,  
Vendo oscillar na camara elegante  
Das cortinas a fôrma vaporosa.*

Rio de Janeiro.

ALBERTO DE OLIVEIRA





EDMOND ABOUT, fallecido em Paris no dia 16 de janeiro.



Uma rua em Alhambra.



Casa com ruínas, Alhambra.



Uma rua em Alhambra.

OS TREMORES DE TERRA EM HESPAÑA





DESENHO DE A. RAMALHO

A usição ran d'A dos Corvos trepava pela encosta íngreme até á igrejaita...

## A MALUCA D'A DOS CORVOS

PELO CONDE DE FICALHO

A primeira vez que a vi, passava eu a cavallo para uma caçada na serra. Era de manhã cedo — uma esplêndida manhã de janeiro. A única rua d'A dos Corvos trepava pela encosta íngreme até á igrejaita, que, lá no alto, toda caiada, recortada no cobalto lavado do céu, com a sua cúpula redonda e os seus alçados chatos, tinha uns ares de *marabout* árabe. Iluminada horizontalmente pelo sol, que se ia levantando, a aldeia parecia acordar, ainda inteiriçada e tremula do frio da noite. A herva alvejava, cuberta de geada; e as estrumeiras, revolvidas pelos porcos, fumavam na fregem húmida. Algumas mulheres abriam as portas, varriam a rua, em saias de baixo de baetilha amarella, os lenços vermelhos atados nos cabellos. No ar fino, de uma transparência excessiva, os tons destacavam-se nítidos, um pouco crus; sem esbanidos, como postos *aprimera* em um estudo do natural. E os sons, o mangalto do furrador no alpendre ao cimo da rua, as vozes alegres dos rapazes jogando a *pala galharda*, o canto conquistador dos gallos nas

cevadadas dos farejacos, ouviam-se ao longe, nítidos também, n'uma vibração clara e secca. A superfície de toda a scena havia aquella tranquillidade rústica, que tantas vezes provoca a reflexão banal e falsa: — Que bom seria viver aqui, longe dos cuidados do mundo!

Ao voltar a esquina do maro de um quintal, vi na estrada uma mulher roxa, descalça, muito miseravel; mas conservando na figura e no andar uns restos de mocidade e de elegancia. Não levava chapéu, nem lenço na cabeça; e os seus cabellos pretos, fartos e crespos, cubriam-lhe toda a testa, corando-a de uma massa escura, singular — como os cabellos da Salomé de Regnault. Quando ouviu junto de si o ruido dos cavallos, voltou-se de subito e, afastando da cara as madeixas soltas com um gesto violento, fitou em mim os olhos grandes, luminosos, n'uma expressão intensa e dolorosa de interrogação. Foi apenas um clarão. A luz apagou-se, e, baixando a cabeça com um sorriso idiota, apertou contra o peito, carinhosamente

um embrulho informe de trapos, como se acalentasse uma criança. Niisto os rapazitos, que tinham descido a rua para admirarem de perto os cavallos, viram-no e começaram a gritar:

— Olha a maluca! Olha a maluca! Ella então, assustada, conchegou mais ao peito o embrulho de trapos, como se o quizesse livrar de algum perigo, e, deitando a correr, escondeu-se a traz dos muros dos quintaes.

Fez-me impressão o olhar d'aquella infeliz, e a primeira vez que me encontrei com D. Jesus Sereano, perguntei-lhe se conhecia a rapariga doída d'A dos Corvos.

D. Jesus era um typo originalissimo — um liberal hespanhol, condemnado á morte pelo governo de Narvaes, que havia muitos annos se estabelecera ali na raia, onde vivia da sua clinica. Distinto medico, formado em Salamanca, dizia-muns simples curandeiros, affirmavam outros. Nunca se soube bem no certo que car-



tas tinha; nem creio que as auctoridades averiguassem este ponto com muito zelo. E fizeram bem — elle curava e matava como qualquer outro. Medico ou curandeiro era um excellente homem; sempre prompto a acudir aos pobres, sempre a cavallo pelas estradas ao sol e á chuva, com um casaco de pelles, muito roçado, no inverno, e uma singular sobrecasaca de chita de ramagens no verão. A quatro ou cinco legoas em roda conhecia toda a gente, nas mais pequenas aldeias, nos mais afastados montes e malhadas; e quando lhe perguntei pela doida, respondeu-me logo no seu portuguez especial:

— Ah! Marianna, lá pobre. Si á conheço. E qué bonita foi!... qué triste caso!

E contou-me a historia da rapariga — uma historia velha, sabida, simples como todas as historias verdadeiras.

A Marianna era filha de uma pobre mulher d'A dos Corvos, que ficara viúva, sendo ella ainda creança. A mãe trabalhava fóra, enquanto a pequena brincava solta pela rua e pelos campos, crescendo ao ar livre, trepando ás azinheiras buscando bolotas pelos montados, e medronhos ou murfinhos pelos matos. Depois, já crescida, começou também a ir ao trabalho; e aos dezoito annos tinha-se feito a mais graciosa rapariga do lugar, e de todos aquelles contornos. Alta, delgada, direita e flexivel como um vime, era um gosto vê-la voltar do trabalho, andando na estrada n'um passo que poucos homens acompanhavam, ou vê-la descer, correndo com as outras, uma encosta fragosa, cortando o esteval denso, saltando de pedra em pedra, com a segurança de uma cervo. Mas o seu encanto estava sobretudo nos admiraveis olhos pretos, e no olhar fundo, meigo, que se encontrava a custo, abrigando-se tímido e arisco sob as longas pestanas negras.

De ser muito bonita e um tanto esquiva, não lhe resultava grande popularidade entre as outras raparigas; mas era muito procurada pelas manageiras, como uma boa trabalhadora, sempre prompta ao sol e ao frio, valente no apanho, nas mondas, nas descargas, nas seifas... nas seifas alemtejanas! As seifas ardentes de junho, nos cevadaes altos, pelas quebradas abafadiças dos montados, quando os levantos abraçam, quando o calor se vê — positivamente se vê — dançando no ar fremente, quando á hora do meio dia tudo se calla, mesmo o ruído aridente das cigarras, e só se ouve, ao longe, o canto triste das rolas nas grandes azinheiras copadas dos barrancos. E ali, de joice na mão, a cinta flexivel, curvada, a Marianna podia pôr-se ao lado de qualquer trabalhador desembaraçado.

A mãe e a filha viviam bem. Duas mulheres aós, sadias, trabalhando no campo, não passavam privações. Os ganhos da azeitona até chegavam largamente para as elegancias da Marianna. E que bem lhe ia qualquer coisa! Como os olhos pretos brilhavam sob a aba curta do chapéu novo de Braga! Como um pobre lencinho de chita encarnada dava valor ao tom quente da pelle morena; aos bellos vermelhos, sombreados por um buço tenuissimo, deixando entrever, nos raros sorrisos, os dentes pequeninos.

Veteo o anno da novidade grande de azeitona — aquelle anno em que os lagares moeram até ao S. Antonio — e a Marianna foi com a mãe para o rancho da Sovereira formosa, a maior e melhor herdade do termo. O filho do lavrador e

proprietario da Sovereira, o João, um galante rapaz de vinte e tres ou vinte e quatro annos, namorou-se da nova azeitoneira. Nunca o apanho foi tão bem vigiado como naquelle anno. De manhã á noite o João acompanhava o rancho, fumando cigarros, encostado ás oliveiras, com a rede do cavallo castanho passada no braço. Quando ao recolher elle dava relação exacta dos saccos, que tinham entrado no lagar, o pae ficava satisfeito de o ver assiduo no trabalho, activo, esquecido da espingarda e dos galgos; mas no rancho a corte do João á rapariga d'A dos Corvos era o assumpto de todas as conversas. Não lhe era facil fallar á Marianna. Ella, lisongeada mas tímida, evitava as occasiões; e sessenta pares de olhos femininos observavam-lhe os manejos com uma curiosidade, não mais intensa, mas mais grosseiramente indiscreta do que aquella com que nas salas se observam manejos muito semelhantes. Tinha de esperar horas para lhe dirigir a furto duas palavras quando ella ia levar azeitona aos carros — dias para a encontrar só no caminho da fonte, quando lhe chegava a vez de ser aguadeira. E então a Marianna apressava o passo, com os olhos baixos, fugindo ás declarações, rendida já mas arisca, batendo-lhe o coração de medo, de vergonha, não sabia de quê, com o bater apressado e violento de um coração de passarito apertado na mão. Um dia esperou-a na volta da fonte, n'um valle arredado do olival; e ali deteve-a quasi á força, dizendo-lhe tudo, rondando-lhe um beijo, enquanto ella, os olhos cravados no chão, as faces accesas, passando nos dedos a bainha do avental de budo, deixava escapar uma confissão e uma promessa.

Quando terminou a colheita da azeitona, o cavallo do João aprendeu bem depressa o caminho d'A dos Corvos. A rapariga fugia de caza, e ia encontrar o namorado fóra da aldeia, no valle, a traz dos silvados do barranco.

! Não sei se elle lhe fallou do futuro, se lhe prometeu casamento — é provavel que não. A Marianna deu-se sem pensar, sem calculo, sem exigir garantias; deu-se com a sua inexperiencia de selvagem, com os impulsos do seu coração, com os ardores do seu sangue de serrana vigorosa e forte. Mas deu-se toda e para sempre, e julgou que a tinham tomado para sempre.

Mezes depois a mãe ia só ao trabalho, porque a rapariga já não podia dissimular o seu estudo sob as pregas do chaile de lan, e, envergonhada, ficava em caza.

Por este tempo levava o proprietario da Sovereira-formosa muito bem encaminhadas umas negociações para cazar o filho com a D. Angelica — um excellente casamento. Trinta e cinco ou quarenta annos antes, o pae de D. Angelica viera da Covilhã para caixeiro d'uma loja na villa proxima. Era uma lojita fria, humida, ao cimo da rua Nova, onde se vendia de tudo, chitas e mantiga, panno cru e assucar, pregos e velas de cebo. O beirão-vito passou ali annos ao balcão com os mesmos sapatos de ouro, e o mesmo casaco cõr de mel, encoberto, com que viera da terra. Tinha o genio da usura; privava-se de tudo com uma sordidez energica, vivendo de pão de rala e alhos crus, e emprestando os tostões do pequenissimo ordenado a juros fabulosos. De repente souu na villa uma noticia extraordinaria — o caixeiro ia cazar com a sobrinha, afilhada, ou quer que fosse, que o velho e rico prior de S. Antonio tinha em caza.

Isto deu que fallar. Disse-se que o casamento era forçado; que o prior encontrara alta noite no quarto da sobrinha o espirante da alfandega, um meliante de Lisboa, que tocava o fado, e se embebedava regularmente ás quintas e domingos na hospedaria das Silveiras. O caixeiro fóra então chamado a reparar culpas, que não cometera. Mas — observava n'este ponto da historia o velho Serrano — isto nunca se soube bem ao certo, e a calumnia não poupa ninguém... seria capaz de não poupar nosso senhor Jesu Christo, se cometesse a insigne imprudencia de voltar ao mundo. Fosse como fosse, o caixeiro cazou; e então, com o dinheiro do prior, tomou a loja de trespasse, e alargou as suas operações de usura, que passaram a chamar-se operações de credito. Teve também comissões de Lisboa — comprava cevadas e azeites. Annos depois, o prior morria, deixando-lhe um bom lote de fazendas, e — diziam — uma grande arca, toda cheia de velhos cruzados novos. Nas mãos do beirão a fortuna do prior medrou. As fazendas arredondaram-se — com uns foros da Misericordia, comprados barato — com uns milheiros de vinho, penhorados por uma divida de cem mil reis a uma viúva pobre — com uns olives, entregues na liquidão final de contas obscuras. E agora o lojista da rua Nova era um personagem, um dos maiores entre os quarenta maiores contribuintes, grande influente eleitoral, tendo o seu palacete na praça, de frontaria bem caída, com frisos verdes na cumalha, e globos de vidro amarello nas grades das janellas.

O cruzamento do beirão com a alemtejana não fora feliz — a sua filha unica, a D. Angelica, não era bonita. Grossa, corada, lazidia, dada a ntarvos vistosos... francamente não era bonita. Mas que boa dona de caza! Economica, madrugadora, severa com as creadas, e tendo — como a immortal Dulcinea — a melhor mão para salgar porcos de toda a provincia.

O lavrador da Sovereira tinha umas contes com o lojista — quem as não tinha? De anno para anno as contas iam-se entredando, complicando em mysteriosos labyrinthos de juros de juros. Lembrou-se de as saldar pelo casamento do filho. Mandou sondar o terreno; e as suas propostas foram bem recebidas. O lojista conhecia-lhe os negocios a fundo, sabia que os seus embargos não eram graves; e depois uma alliança com os Seabras da Sovereira lisongeava-lhe todas as vaidades.

Quando o pae lhe fallou no casamento, o João ficou confuso. Custava-lhe deixar a Marianna, e n'aquelle estado. Tinha pena da rapariga, e tinha medo do seu genio violento... de um disparate. Resistiu a principio. Então toda a familia, o rodeou, dando-lhe bons conselhos.

O tio João Maximo, quando soube que a hesitação da sobrinha procedia do escrupulo de deixar uma azeitoneira d'A dos Corvos, riu a bom rir, segurando as ilhargas gordas nas mãos curtinhas, com grupos de pellos ruivos pelas phalanges.

— Já não ha rapazes, dizia-lhe elle. Vocês não sei o que me parecem. Então a gente hade estar com essas coisas. Ellas lá se arranjam... lá se arranjam...

E contava-lhe as suas aventuras de D. João de aldeia. Tinha sido a Catharina, e a Benta, e mais a Isabel, e a Joanna da horta, e a Conceição da estalagem — uma hecatombe de mondades. Hecatombe não é bem a palavra, por-



que, a acreditar no que dizia o tio João Maximo, todas ellas prosperavam. A Catharina tinha casado, e tambem a Benta; a Conceição puzera uma venda; a Isabel estava agora de creada grave em casa do juiz de direito, que era solteiro. Reservam todas bem estabelecidas, gordas e perfeitas.

— Mas lá se arranjam... lá se arranjam... E olha, terminava o tio João Maximo, o melhor que a gente leva-á deste mundo é... rir e divertirse sem estar lá com essas coisas.

A tia Dorothea não levava o caso tão piacevolmente; irritava-se.

— Unas doidas, umas... — é necessario es-purgar cuidadosamente o vocabulario da tia Dorothea, que no entanto era uma honesta senhora — umas doidas sem vergonha que andam metidas com um e com outro. Que sabes tu se lhe deves alguma coisa? dizia ella ao sobrinho.

O João não respondia, macambusio, mettido no quarto, n'uma resistencia passiva. Então o pae levou-o por bem, contando-lhe os seus embaracos, pintando-lhe as opulencias do Sover-eira-formosa quando as dividas estivessem todas pagas, mostrando-lhe, no futuro, uma vida farta, á vontade, caçadas, bons cavallos, viagens a Lisboa. Disse-lhe que dariam alguma coisa á Marianna, que a não deixavam desam-parada. E que mais queria ella? que podia ella esperar?

A final o João cedeu. Prometteu ir á dos Corvos, enganar a rapariga, acabar tudo. Foi, mas teve medo da crise — adeou-a. Disse só que ia para a villa tratar de uns negocios, demora-va-se um mez, talvez mais, depois voltava. Deixou a rapariga lavada em lagrimas; mas se-gura, sem uma suspeita. Passaram tres mezes, em que a Marianna contou os dias e as horas. Não lhe chegou aos ouvidos a noticia do caza-mento; A dos Corvos ficou tão arrebatado de tudo, e ella vivia tão só.

Uma manhã, voltava de longe, do mato, com um feixe de lenha á cabeça, e o filho ao collo, abrigado pela ponta do chaile do len. De um certo viu a distancio, na estrada da villa, a bem conhecida traquitana da Sover-eira-formosa. Vinha ali o João? Bateu-lhe o coração tão violentamente que fechou os olhos, e teve de en-costar-se a um chaparro para não cair. Veia descendo para o estadeo, e quando a traquitana chegou perto viu dentro o seu João; não viu mais nada, deixou cair o feixe de lenha e cor-reu á carruagem, estafada, sem respiração, le-vantando a creança nos braços, dizendo ad:

— Oh! João!

Vinha tão cega, com tanto impeto, que seria plausivel se o almocreva não desviasse as mulas. Mas então... viu uma mulher ao lado d'elle. A voz aspera da D. Angelica, gritava:

— Que ésto? quem é esta mulher? e n'um tom mais azedo — Tu conheces esta mulher João?

E elle, amarello, enfiado, murmurava:

— Eu não... não sei quem é. Talvez... talvez esteja doente. — **o banho**

A rapariga recuou, como se esta palavra o

empurrasse. e a D. Angelica gritou ao alma, creva:

— Ande lá,

— Doida! dizia a Marianna, imovevel ao lado da estrada. Pensava tanto, e quando a traiqui-tana, que se afastava ao trote largo das mulas, se sumiu lá a diante na volta, sentiu que tudo se acabava. N'um praejuizo impulso deitou a correr pela encosta a baixo para a ribeira. Foi a direito, correndo e estoval alto, atravessando os balseiros, parilhado as loendecinas, rasgando-se nos silvas, atirando-se á espessura brava da mata, como um corso ferido. Sem haizer, enco-reou o espelho frio da agua no supportive tran-quilla do pégo. Estava muito tranquilliz, retra-tando nitidamente as montas de lenho florido da outra margem; encrugava-se apenas em circulos, que se alargavam docemente, quando a ponta da oza de uma andorinha a tocou no pas-sar rápido. Estava muito tranquilliz nas recan-tos assombrados pelos balseiros, limpado, trans-parente, deixando a vista penetrar na fundura esverdeada.

A rapariga apressou o filho ao peito, e deitou-se ao pégo.

Uns cortadores que andavam ali no montado, viram-na de longe correr para a ribeira, e se-guiram-na. Dois ou tres mais afoitos lançaram-se á agua e poderiam tiz-la a custo. Estende-ram-na ao sol, de costas, na herva da margem. Branca, os olhos cerrados, os longos cabellos negros, desatados, cheios de agua, espalhados sobre a relva florida, a chita molhada das rom-pilhas collada nas curvas firmes dos seios parecia morta. Passados momentos descerrou os labios n'uma fúmd inspiração; uma onda leve de san-gue tingiu-lhe as faces; as palmas tremeram.

Voltava á vida; mas ao peito apertava nervo-samente o cadaver da creança afogada. Depois, sentada na relva, com os seus grandes olhos pre-tos, fitos, intelligentes, conchegava o cadaver do filho n'um gesto tenro, querendo aquece-lo. Os cortadores fozejavam por lho tirar, docemente, com um toque carinhoso das suas mãos rudes. Um d'elles — o Chico da Bemposta, que na semana passada dera duas facadas no João da Benta — de joelhos ao pé d'ella, soluçava. Quando a separaram do cadaver, não percebeu; e, enrolando o seu chaile molhado, apertou-o ao peito, acalentando-o com um sorriso triste.

Hoje a maluca vive com a mãe, que trabalha para a sustentar. Vivem muito pobres... muito esquecidas. Quem vai ás vezes por casa d'ellas, e lhes deixa sobre a mesa uns dez tostões, que lhe fazem falta, é o D. Jesus, o velho curan-deiro.

O João está presidente da Camera municipal. O sogro espera, por occasião das eleições ge-raes, obter para elle o titulo de Visconde.

FICALHO.

A Illustração publicará n'um dos proximos nu-meros um outro conto devido á penma elegantissima do sr. conde de Ficalho.

O nosso brilhante collaborador, cujo primeiro tra-balho (já apreciando-se) dos nossos leitores, affirmou de novo ao nosso director a sua collaboração as-sidua.

## A ILUSTRACÃO

em resultado d'um contracto que acaba de real-izar com uma casa editora de Paris, pode inaugurar hoje uma secção inteiramente nova, como não existia egual em jornaes do mesmo genero impressos em lingua portugueza.

A Illustração inaugura hoje uma secção musical, e escusado será dizer que a dedicamos muito especialmente ás nossas sympathicas lei-toras, affirmando-lhes desde já que não é só esta a secção especial que lhes destinamos, mas que outras virão de futuro, e das mais curiosas, e das mais originaes. As paginas de musicas para piano que damos publicando não de ser sempre paginas brilhantes, consagradas por um largo e ruidoso successo. E para se avaliar um pouco da sua importancia artistica, basta dizer que são paginas arranjadas as primeiras re-vistas europeas que se dedicam exclusi-vamente a assumptos musicas.

Cremos que todos responsavel, como era do nosso dever a todas as sympathias que o publico nos tem dispensado. De numero para numero somos mais escriptosos na actualidade e na belleza das nossas gravuras. Nas paginas de texto Jayme de Sequeira vem agora regular-mente fazer a revista litteraria da quinzena. Da sua elevada competencia — critério, bri-lhantismo de phrase, naturalidade de exposição — dizem mais do que nós as duas revistas já publicadas.

N'uma desenvolvida secção scientifica os nossos leitores encontram noticias e informa-ções precisas, de que si poderiam ter conheci-mento se lessem todas as revistas de França e de Inglaterra.

Hoje a nossa secção musical não queremos dizer que seja o fim de todos os melhoramentos que um journal da ordem do nosso deva em-prehender — mas é uma boa promessa do que tencionamos emprehender de futuro, se o pu-blico quizer sempre dispensar á Illustração a mesma sympathia com que a tem acolhido até hoje.

## A TUA MÃO

É tão fofa esta mão, é tão débil, tão leve,  
Que eu que a sorro n'um beijo, eu que n'um deito a torço,  
Guardo-a n'uma jó não sem o minimo respeito,  
Assim como uma flor guardas um fio de meo.

Qual d'um boque atreves; corre uma borboleta,  
Sobe, desce, vagula, e ora zombe-se quasi,  
Ora apparece, e vai mais veloz que uma seta...

Quando a ruiva oir o amor teu que os olhos te abraça,  
Move-se a tua mão, balança, ergue-se inquieta,  
Acompanha-te a voz n'égla aphrase portugueza.

Mas se a puaes em mim, como um filio de meo  
Pisa sobre uma flor, — sem o minimo respeito,  
Ah! então é que se zitta, eu que n'um deito a torço,  
Quanto mais fofa esta mão que é tão leve!

Rio de Janeiro. — 1884.

SINCRISTO DE LIMA.



DURANTE O CARNAVAL

Composição de Avril. — Gravura de Ch. Baude



## NOSSAS GRAVURAS

## OS TREMORES DE TERRA EM HESPAHHA

**ALBUQUERQUE** sem precedentes neste país. O terrível phenomeno produziu-se com uma rara intensidade e á hora a que escrevemos Deus sabe se os pobres habitantes das provincias mais atadas dormem socegados nas suas camas.

Não se imagina o terror que se apoderou das populações quando se sentiram os primeiros abalos. Os habitantes tinham já entrado para as suas casas; as ruas estavam em parte desertas, sobretudo nas pequenas localidades. Do repente, escheram-se de creaturas espavoridas, fugindo em todas as direcções. O que se passou então, ninguém o sabe, nem as proprias pessoas que assistiram á tão dolorosa scena. O nosso correspondente communicou-nos a impressão que recebeu um morador de Laja e de sua familia no momento do primeiro abalo, e as indicações fornecidas por este pobre homem que foi feito o croquis de que damos um sobrito desenhado na nossa primeira pagina, desenho devido ao lapiz d'um dos mais brilhantes artistas de Paris, de Emilio Bayard. A familia estava á meza e celava no momento em que o phenomeno se manifestou. Toda a casa estremecceu, os móveis estalarão e oscillaram. Movimento de anciedade. Olham-se e ninguém sabe o que é...

A casa, já velha, ter-se-ia fendido? Já desmoronava-se? Movimento rápido como o pensamento. Ao segundo abalo não era possível haver mais duvidas. Era a terra que estremecia. Sobre a meza que de novo oscilla, cae a calça do tecto que rachou por todos os lados. Caem algumas cadeiras, os pratos rolam pelo chão e quebram-se. Levantam-se as mulheres seguras á criancinhas, as mais velhas seguem os paes; umas, debaixo, uma rapariguita, tropaça e cae. O pag, que é o ultimo a saltar, levanta-a e leva-a consigo para a rua. Grutam uns pelos outros, reúnem-se, estão todos salvos. E toda a familia vive hoje sobre uma tenda, sobre aquellas tendas que construíram nas ruas e que os nossos leitores verão mais adiante.

Pouco sensível em Madrid, Jaen, Linares, Cordova, Ciudad-Real, o phenomeno foi mais violento em Sevilla, Xeres, Cadix, Utrera e na região occupada pelas provincias de Grenada e de Malaga. Nesta região os mortos e os feridos são numerosos e sobem á milhares os prejuizos. Foi a provincia de Grenada a que soffreu maiores abalos no dia 25 de dezembro. A partir d'este dia houve sempre oscillações quasi diarias que tiveram em constante alarme as populações, e á tal ponto que, mesmo nos sitios que menos soffreram, muitos dos habitantes ainda continuam dormindo sob tendas, ao acaso, receiosos de passarem as noites em casa.

Um dos nossos desenhos, feito do natural, em Grenada, dá uma perfeita idéa dos acampamentos construídos pelos moradores da cidade proximo das estradas. As barracas eram em geral de lizagem e rascissimas eram de lona, ubrigando mal os habitantes contra as intemperias da estação, contra a chuva e contra a neve que para maior calamidade caíram n'aquelles dias. E o outro nosso desenho de Grenada representa uma praça publica, despoite, por entre a agglomeração do povo entoumido ladainhas, e imploranto a misericórdia dos céus.

Mas os prejuizos causados pelos tremores em Grenada e mesmo em Laja são nada se os compararmos aos desastres de Albuñuel e Alhama de que a Illustração apresenta hoje diversos desenhos.

Albuñuel é um antigo burgo que fica na extremidade sudoeste de Serra de Arriçana, a vinte cin-

co kilometros de Grenada, sobre o rio Santo. É formado de tres bairros: bairro Alto, bairro Baixo e bairro da Egreja. O bairro da Egreja ficou completamente destruido e do seu actual estado podem fazer uma idéa os nossos leitores pelos dois desenhos que publicamos, tirados do natural. Em Albuñuel foram destruidas 366 casas, ficaram arruinadas 146, houve 102 mortos e 500 feridos.

O desastre é então enoçissimo em Alhama, cidade muito mais consideravel que o burgo de que acabamos de fallar. Esta terra antiquissima, d'uma população de 10.000 almas, de 1.800 casas que tinha aproximadamente, 1.500 ficaram destruidas. Os cinco desenhos que publicamos mostram o aspecto d'algumas ruas e um curioso croquis é sem duvida o que nos deixa ver o interior da egreja de Alhama. Montões de ruínas, casas fendidas e desmoronadas, telhados e paredes que abatteram, tal é o triste espectáculo.

Parece-nos ter satisfeito largamente a curiosidade dos nossos leitores de Portugal e do Brazil as quaes os desastres d'Hespanha causaram uma tão viva e tão dolorosa impressão — apresentando nas paginas da nossa revista desenhos que só a Illustração pode obter, graças ás magnificas relações em que se acha com os seus illustres collegas de Paris e de Londres.

## EDMOND ABOUT

**EDMOND ABOUT** escritor francez de quem a Illustração publica hoje o retrato nasceu em 1828. Entrou em 1848 para a Escola normal de Paris, onde se tornou celebre pelo seu brilhante curso, sendo discipulo de Taine o illustre critico d'arte e de Sacy o notavel critico dramático francez. Da Escola normal foi em 1851 para a Escola de Athenas, e na sua volta a Paris publicou um volume *Al Grecia contemporânea* tão cheio de satyra e tão brilhante de critica, que valeu á About o ser alcunhado de « neto de Voltaire ». Depois obteve um brilhante successo com o seu primeiro romance, *Tolfa*, publicado na *Revista dos Dois Mundos*.

De 1855 a 1858 occupou-se largamente de critica de bellas artes. Mas em 1859 lançou-se no pamphlet politico e publicou a *Questão romana* que causou grande alarido em França e em Italia. E largu a lista das suas obras desde 1860 até 1870. Em todas ellas Edmond About espalhava em profusão um sobrito estylo, simples, claro, nitido, sem esforço de imagens e do adjectivação, um verdadeiro e antigo estylo francez, que hoje parece estar um pouco de lado, isto devido talvez ao romantismo e ao naturalismo. Em todos os seus livros About distribue um espirito fino e penetrante, uma graça delicada mas no fundo mordente, que é uma das grandes feições dos mais illustres prosadores francezes.

A partir de 1870, Edmond About entregou-se absolutamente ao jornalismo, e em 1872 tomou conta da direcção do *XIXe Siecle*, que era ainda ha poucos annos um dos jornaes mais interessantes de Paris, mas que actualmente se achava bastante descuidado, isto devido á questões intimas que se levantaram entre os accionistas do jornal e About — aquelles desejando forçar o *XIXe Siecle* a uma politica que o seu director não admittia.

Ultimamente fôra eleito para a Academia franceza para occupar o lugar vago pela morte de Jules Sandeau; mas ainda não tinha sido recebido em sessão solenne, e o discurso de recepção foi-lhe por assim dizer proferido á beira da sepultura pelo philozopho sr. Caro, o representando. Aconteceu nos funeraes de About — aquelle que se diz ter sido caricaturado no *Monde oulton* *Le monde de Pailleton*, no typo do philosopho Bagajac.

A morte de About foi immensamente sentida por toda a imprensa franceza, porque se perdeu n'elle um jornalista de primeira ordem, um verdadeiro escriptor de raça que faz honra a um país.

## UM DESENHO DE RAMALHO

**ANTONIO RAMALHO**, d'após um croquis do sr. Conde de Ficalho — porque o nosso collaborador litterario é não só um distincto escriptor mas tambem um delicado artista, um verdadeiro dilettante — desenhou a illustração para o conto que hoje publicamos. Escusado é acrescentar que é sempre com praxer que vemos brilhar nas paginas da nossa revista os nomes d'artistas nacionaes que, como este, não desdão no lado dos artistas estrangeiros que collaboram na Illustração e que tem uma reputação feita.

Antonio Ramalho vai começar para a Illustração uma serie de retratos contemporaneos. A garantia do seu trabalho está no retrato de Rosa pac, que publicamos no ultimo numero.

## DURANTE O CARNAVAL

**AVRIL** se ha de dizer da graciosissima composição de Avril, um dos mais elegantes e dos mais festejados desenhadores parisienses? O leitor comprehende-a logo á primeira vista. E justamente esta á hora em que comecemos as grandes festas carnaueas — meio noute. A hora dos crimes é tambem á hora dos prazeres. Dando um ultimo roque nos seus cabellos empoados, a parisienne vestida com um costume de Loucura lança um ultimo olhar para os seus adornos, no espelho de Veneza que lhe offerecem os Amôres. Estes vestiram todos os fatos dos brilhantes cavalleiros que ella vai encontrar nos salões cheios de luz e de flocos. Ouve já os primeiros accordes da valsa embriagadora, e sorri á doce idéa do praxer que a espera... E d'aqui a pouco ella subindo as largas escadarias da Grande Opera, e dum camarote á bella parisienne ha de ser a admiração de todos quantos a vejam, e o orgulho de todos quantos ás trez horas da manhã tocarem na sua taça de champagne, n'um gabinete do *lion d'Or*.

Ao nome do brilhante desenhador Avril á Illustração não pode deixar de não reunir o do seu eminente collaborador Ch. Baudou. De cada vez que publicamos uma gravura sua temos a convicção de que offerecemos aos nossos leitores verdadeiras obras-primas.

## OS BAILES DAS CRIANÇAS

**FINO** e habilissimo lapis de Mars fixou, com verdadeiro encanto e espirito, as physionomias e as actuações d'este mundo dos bebês, que se divertem de tão bom coração e se entregam ao praxer sem reserva e sem segundas intenções.

Vemos primeiro um janota, um *pschuteux*, que conta pelo menos quatro annos, que convida para a valsa, sem hesitar, uma muadda mais alta do que elle. A belleza accede e ell-o paria.

Assistimos em seguida á uma verdadeira desgraça. Um grupo imprudente escorregou, querendo pular muito alto.

— Tenha cautella, meu cavalheiro e minha menina... Voe-lhe acontoeor o mesmo d'aqui á bocca-do... O parque! ha de trahil-os.

— E o senhor, seu grande impellido, sentado n'essa cadeira que demais é muito alta para o senhor... Vamos, desça quanto antes e ceda o logar a essa menina que está na sua frente. Fique sabendo que é necessario ser-se galante... mesmo quando se está esfalfado!

— E a menina lá ao canto que já sabe fazer um tão bonito uso do seu leque... E cedo de mais para ser tão coquette. É preciso ter paciência e esperar ainda uns quinze annos.

— Saltem, alegres bebês. Dansem interminaveis coropios... enquanto não chega o tempo em que hão de ser meaos alegres. Aproveitem da infancia abençoada, de todas as epochas da vida a mais serena e a mais feliz.





## THEORIA DAS MANCHAS SOLARES

DE CORONEL GAZAU

**O** CORONEL GAZAU prosegue na mais de trinta annos no estudo da constituição do sol, e formulou assim as suas conclusões:

« O sol é formado de um corpo central ou núcleo de matérias tão essencialmente líquido, que dão origem a gases e vapores entre os quaes se acham uma grande quantidade de hydrogenio; estas matérias estão encerradas em um envoltório solido, roto repetidas vezes pela acção das pressões interiores que supporta. Por cima existe uma outra camada que se pode chamar *photosphæra*, pastosa na parte inferior mas liquida e luminosa na parte superior, a qual forma a superficie do disco solar e sobre a qual repousa uma *atmosphæra* immensa, composta de gases, de vapores dissociados e de hydrogenio sobrepostos pela ordem das densidades.

« As manchas são formadas pela ascensão de fragmentos arrancados á crosta solida interior; chegam to a superficie do disco levantando a matéria luminosa que se escor. sob a forma de nodos luminosos (*filiculae*). Quando as manchas desaparecem, os fragmentos da crosta, descolando, produzem a penumbra, na qual se precipita a matéria luminosa.

« A matéria luminosa levantada pelos fragmentos da crosta escorrega em direcções irregulares e divergentes. Pelo contrario quando se precipita na penumbra, as correntes ou rios de matéria são rectilíneas, regulares e convergentes. » (As figuras de muitas manchas observadas pelo P. Secchi e publicadas na sua excellente obra *O Sol*, estão completamente d'accordo com esta hypothese.)

Um estudo profundo e duas observações muito curiosas mas pouco conhecidas suggeriram estas conclusões ao coronel Gazau. A primeira das observações citadas é devida a Francis Wollaston; em 1774, viu este quebra-se uma mancha.

As *apparencias*, *accescencia*, foram semelhantes ao que acontece quando depois de lançado um pedaço de gelo sobre um lago gelado, os seus diversos fragmentos resvalam em todas as direcções. (Árago, *Astronomia popular*, tomo II, pagina 126.)

A segunda observação é de Halley; este astronomo viu a transformação do funil de uma penumbra, phenomeno tão instantaneo que julgava estar assistindo á *fractura* de uma enorme escoria quebra-se como um pedaço de gelo por uma pedra. (P. Secchi, *O Sol*, 2ª edição, tomo primeiro, pagina 67.)

Se estas observações se renovarem, nos nossos dias, aos olhos de astrónomos autoconscientes, a theoria do coronel Gazau é indiscutível. Ora os relatórios das sessões da Academia das sciencias encerram, no numero de 17 de março de 1884, uma nota de M. Trouvelot, apresentada por M. Jaussan, director do Observatorio de Meudon, a respeito de uma observação muito curiosa e anormal feita por este astronomo, no dia 27 de maio de 1878. (M. Trouvelot, actualmente estudando no Observatorio de Meudon, tem feito observações astronómicas muito importantes e encontrou no seu jornal *quatro observações* analogas e anteriores á de 27 de maio de 1878.)

N'esta data, M. Trouvelot viu as *massas faculares compactas* (que não são outra coisa mais do que os fragmentos da porção solida levantada por uma impulsão) *resvalando* (a expressão é a do Wollaston empregada acima) *sobre a superficie do disco e vindo cobrir em grande parte a abertura da penumbra sobre a qual produziam sombra e ficavam pendentes sem se abater.*

Em uma das outras quatro observações, a de 11 novembro de 1877, M. Trouvelot observou as *manchas faculares* que se não abateram, mas ficaram suspensas *dentro da penumbra*, como se fossem *massas* *lucidas* por uma *força* *interior*.

A explicação é das mais simples: a massa solida fica suspensa enquanto pode manter-se em equilibrio sobre a camada gaseosa que a supporta pela sua força d'expansão. A ruptura do fragmento solido pode ser occasionada pela temperatura elevada que vem a adquirir, fim certos limites, poder-se-hia comparar este phenomeno ao que se passa (na ascensão) de uma rolha de cortiça em um jacto d'agua vertical.

A *Revista scientifica* de 11 de outubro de 1883, deu um discurso muito interessante e importante de M. C.-A. Young, o illustre nuctor da obra *O Sol* (Bibliolusca scientifica internacional). Eis as palavras d'este sábio:

« Pelo apparecimento das manchas solares creio que deve admitir-se como mais natural a explicação seguinte: As manchas são fragmentos escuros, ou laminas delgadas projectadas da parte inferior como a escuma de uma caldeira. Estes fragmentos flutuantes são parcialmente submergidos nas chammas resplandecentes da *photosphæra* que lhes cobrem as bordas, que as atravessam e que as envolvem em véus membranosos até ao momento em que estes fragmentos tornam a descer e desaparecem. »

Parece-nos que são estas as idéias expostas desde o anno de 1875 pelo coronel Gazau.

A propósito da theoria do coronel Gazau vamos contar as observações do P. Perry communicadas á Sociedade real Astronómica de Londres em uma das suas ultimas sessões.

O P. Perry, de Stonyhurst, faz uma narração completa das suas observações sobre as manchas solares.

Durante o dia, quando o tempo era bom, a imagem do sol era projectada em um alvo fixo no telescópio e d'ella se fazia um desenho de omissão de diâmetro mostrando as posições e as formas das manchas visíveis. Davam-se em seguida as formas e marcavam-se os menores detalhes tendo o cuidado de collocar a imagem obtida perto da que se formava no alvo para verificar a exactidão do desenho. As faculas eram desenhadas com lapis vermelho em quanto o resto era marcado com lapis negro. Além das manchas e faculas ordinariamente descriptas, o P. Perry e o seu ajudante reconheceram uma outra ordem de phenomenos que designaram com o nome de *manchas encobertas* (*hidden spots*). Estas manchas são visíveis em todo o disco do sol e o P. Perry julga que se não foram observadas por outros astrónomos, é isso devido á sua pequena duração, *deis* a três minutos quando muito. Foram entretanto mencionados em *O Sol* de Young, como tendo sido observados por Trouvelot. Acompanham as manchas ordinárias á roda das quaes estão reunidas, e são também vistas cerca das regiões polares do sol que nunca apresentam manchas: estão então distribuídas em grupos e formam por vezes grandes cordalhões de montanhas. (Uma cadeia de *manchas encobertas* cobria um dia e decima parte do diâmetro do sol e assemelhava-se á penumbra de uma mancha ordinaria; dividia-se em duas partes em todo o seu comprimento e desapareceu em um minuto.)

As manchas occultas parecem ser de duas espécies: as primitivas tem o aspecto de pequenas nuvens parvas produzidas pelo calor do sol que se dissipam rapidamente alguns minutos mais tarde; as outras parecem pelo contrario em relação com a sombra das manchas ordinárias. Apparecem na vizinhança d'estas e são mais persistentes do que as manchas encobertas ordinárias, ficando visíveis durante dois atez dias nunca mais. O P. Perry propõe que se lhes chame *manchas encobertas permanentes*. Tem ordinariamente 7" a 8" de diâmetro, (algumas attingem quasi 2"), isto é, cerca de 80,000 kilometros) e nunca tomam grandes proporções. Seriam vistas muito facilmente por todos os astrónomos se lhes indicassem a sua posição. Parecem mais

primitivas de manchas ordinárias do que mudanças nas pozas da superficie solar, e sabe-se que as manchas são formadas em uma região muito baixa e mais quente do que a dos vértices das *praeatmosphæras*, *movéis* e *variáveis* em um tempo muito curto. Os desenhos apresentados são excellentes; foram obtidos com um telescópio de obra de abertura. Há pois uma grande utilidade em multiplicar as *photographias* do sol para bem estudar e conhecer estas *manchas*; é o que se viu. Fizer no observatorio de astronomia physica de Potsdam, sob a direcção do doutor VNGE.

## OS TREMOTES DE TKHIA NA ANDALUZIA

Os tremores da terra que se produzem no Andaluza tem um caracter completamente extraordinário de duração e persistencia: ordinariamente, estas grandes convulsões do solo cessam em pouco tempo; d'esta vez, porém, parece que uma região inteira está submettida á acção das forças cujo trabalho temo de lutar com uma grande resistência tem por effecto.

Os primeiros abalos produziram-se nooute de 25 de dezembro; foram extremamente fortes e tiveram resultados desastrosos. M. Noques, engenheiro civil das minas, que está em Sevilla, publicou uma nota acompanhada de dois mapas, muito interessante. Em um d'estes mapas está traçada a zona na qual se fez sentir com maior força o tremor de terra de 25 de dezembro; começa nas costas meridionais da Hespanha e prolonga-se até Madrid ao Norte e até ás fronteiras de Portugal ao Oeste. Esta é apenas a zona do movimento máximo, visto que o movimento oscillatorio estendeu em Lisboa e mesmo na Madeira.

Os effectos da destruição foram meores importantes nas provincias de Cadix, Sevilla, Córdoba, Jaen e Almeria do que nas de Granada e Malaga.

É na Andaluza que o phenomeno foi e é ainda mais atterrador: em certos pontos das provincias de Granada e Malaga, o solo não deixou de vibrar, com alguns intervallos do repouso, desde 26 de dezembro.

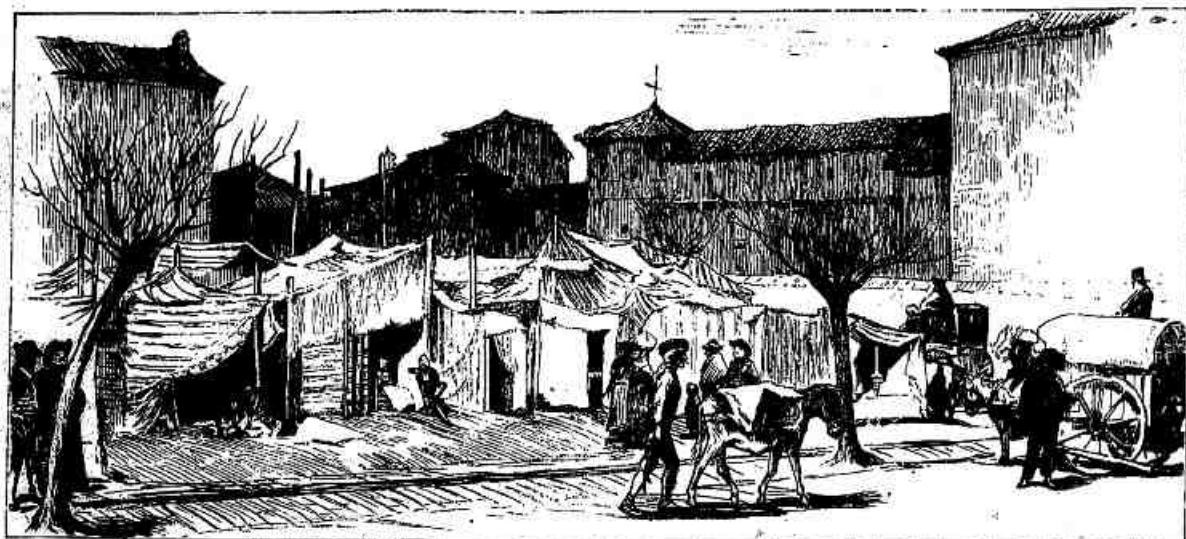
A zona de tremor de terra máximo desenhada em um mappa de M. Noques, vai da costa do Mediterraneo até uma linha curva que, partindo dos arredores de Malaga passa por Alora, Antequera, Loja, Santa-Fé, Granada, atravessa Mulehaan e chega a Alhambra. Toda esta região tem caracteres geológicos muito interessantes; possui rochas amphibolites e pyroxenitas, juntas com filões metallíferos; segundo M. Noques, o movimento oscillatorio parece estar em relação com uma linha de fracturas d'este systema de rochas, e com a direcção das rochas pyroxenitas da costa.

« As faldas, diz este, e as linhas das fracturas d'este conjunto de rochas denunciam-se pelo apparecimento de numerosos stratos thermas e mineraes nas provincias de Almeria, Malaga e Granada. Na Sierra Rejada, os banhos de Rosas, os de Alhama, de Granada, estão em um mesmo alinhamento; as aldeias de Alhama, Santa-Cruz, Arenas del Rey, onde o tremor de terra fez tantos destroços, estão edificadas sobre terranos do systema terciario.

« Alhama, construída em um promontorio terciario, cercada de escarpas profundas, tendo aos pés uma torrente e muitas vezes aguas mineraes, não podia resistir a um ou mais abalos violentos do solo. Alhama, uma das villas mais pittorescas da provincia de Granada está hoje completamente arrazada. As aldeias situadas na linha do máximo de intensidade, construídas sobre terras ou sobre rochas antigas compactas, resistiram melhor do que as aldeias levantadas em um solo mais moleto, caveramos em muitos pontos fundido ou cheio de aberturas. »

Ha muito que M. Elie de Beaumont tinha dado a conhecer o que elle chamava o *arco volcanico do Mediterraneo*; é uma zona que vai do archipelago grego ao Vesuvio, d'Andaluza, ás ilhas do Açores.

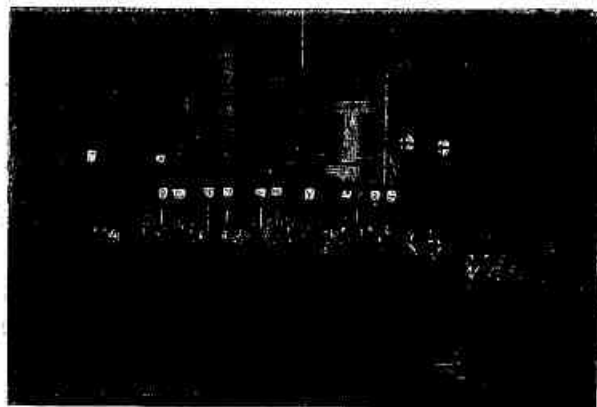




Grenada. — Os moradores da cidade vivendo em barracas.



Calle de Aguas em Alhama.



Uma procissão em Grenada.



Nos campos próximos de Alhama.



A igreja de Alhama em ruínas.



Alhama. — Casas destruídas.



Convito para a valsa. — 1. Catrapuz! — 2. Miss Maggie e seu mano Charley. — 3. Ha de ser mais polido quando tiver vinte annos! — 4. A todo o galope. — 5. Um formoso cacho. — 6. A primeira lição. — 7. Upa! upa! ás costas da mamã. — 8. *Tout le monde tourne!* — 9. Tão nova e já tão coquette! — 10. Tão nova e já tão coquette!...



Em 1883, um tremor de terra arrasou completamente a ilha de Ischia, que está ligada a esta zona volcanica. Em Casamicciola, tudo foi lançado por terra; o tremor de terra destruiu 337 habitações sobre 675 e, de 4.300 habitantes matou 1.784; em summa o tremor de terra d'Ischia custou a vida a 3.075 pessoas (aumentos tirados de um relatório official).

Não teremos tão cedo os resultados officiaes relativos aos effeitos do tremor de terra da Andaluzia.

O rei de Hespanha percorreu a região mais experimentada; foi a Loja, a Alhama, onde se achava a 13 janairo, e durante a noite que elle alli passou, um leve estremeamento abalou o solo. Foi em seguida a cavallo á Sierra, a Arenas del Rey; o correspondente do *Times* que o acompanhava telegraphava ao seu jornal:

« Das 400 casas que compunham esta aldeia poucas ficaram de pé; nem uma só é habitavel. Não se pode conceber ruína mais completa. »

No dia 14, o rei e a sua comitiva voltaram para Granada porque os rios e as estradas para além de Durgel estavam em um estado que não permitia a continuação da viagem. O correspondente do *Times* foi a cavallo a Albuñuel, villa de 2.000 habitantes; 100 tinham morrido no tremor de terra e apenas 90 casas restavam habitaveis. Em Murcha, 8 pessoas tinham morrido de 400 habitantes. Meljeis, aldeia de 550 habitantes, estava completamente destruida; em Rénzar, Chito, Talaso, Ploze tudo tinha sido destruido ou estava para o ser. « O peor da situação é que os choques se produzam quasi todos os dias e que a demoralisação do povo augmenta. »

Os resultados do estudo do solo e das circumstancias geologicas da Andaluzia demonstram em resumo que a causa da deslocação d'estas regiões está sempre presente e activa.

Os ministros do *Tax-Act*. — A *Revue commerciale, diplomatique et consulaire* de Bruxellas publicou um artigo muito interessante sobre as riquezas d'este país cheio de recursos para os emigrantes que quizerem ir habitá-lo.

Possue, com effeito, ouro, prata, mercúrio, antimónio, estanho, zinco, ferro, chumbo, arsénico, salitre, alumen, mármore variados e sobretudo carvão como faz notar M. Tuchs, engenheiro das minas, delegado do ministerio da marinha, que explorou este país.

Os cabos submarinos. — O comprimento dos cabos submarinos é de cerca de 111.000 kilometros, isto é, quasi trez vezes a volta da terra. Um cabo encerra em medio do fio; se se pousassem uns adiantes dos outros todos os fios actualmente immersos, obter-se-ia approximadamente dez vezes a distancia entre a terra e a lua!

Iluminação electrica. — Os resultados das experiencias feitas em Berlim durante algum tempo sobre a illuminação pela luz electrica, em certos pontos da cidade, principalmente na praça de Potsdam e na rua de Leipzig, foram taes que, segundo o conselho municipal d'aquella cidade « é impossivel achar um inconveniente na illuminação electrica da cidade; este modo de illuminação ganhou tantos admiradores que, se osapparelhos de gaz mesmo apparelhaados tivessem de ser reinstallados, o conselho municipal consideraria como um dever oppor-se-lhe com todas as suas forças. »

Por outro lado, dizem-nos que o theatro flamengo, que se vai brevemente construir em Bruxellas será illuminado a luz electrica. Esta decisão foi tomada pelo conselho communal de Bruxellas em consequencia do relatório do engenheiro Wibauw, que foi encarregado de estudar a illuminação electrica dos principaes theatros da Europa, e sobretudo em vista da maior segurança contra o fogo. Reconhece-se com effeito que, nos sinistros d'este genero que tem logar nos theatros, o gaz podia ser considerado como uma das causas principaes.

O microphone Hipp. — M. Hipp, constructor em Neuchâtel, inventou um microphone muito analogo aquelle que MM. Milié e d'Arny fizeram priviligiar

em 1883. Vae ser experimentado na grande mina de carvão de pedra de Mariemont, para a transmissão dos signaes do fundo das galerias da fossa até á abertura do poço.

O idunium. — A *English Mechanic* diz-nos que o professor Wolesky acaba de descobrir um novo metal que chamou *idunium*, ao estudar o minério de vanadado de cumbo. Este minério que é muito raro e amarelado encerra tambem zinco, ferro e arsenico.

O idunium parece-se muito com o vanadio, sob os dois pontos de vista physico e chimico, e forma sales fixos com os alcalis. Parece possuir uma grande affinityde para o oxigénio, e é provavel que se descubra brevemente um acido idunico analogo ao acido vanadico.

Temperatura do sol. — Das suas investigações, conclue o professor Erieston que a temperatura do sol é de 1.700.400° C. Este astronomo tinha avaliado outrora em 4 ou 5 milhões de graus Fahrenheit, isto é 2.260.000° C. ou 2.800.000° C. approximadamente aquella temperatura. Serviu-se nas suas observações do pyrometro solar.

COMMUNICAÇÕES TELEGRAPHICAS NO MAR. — Sob este titulo como o *Electricien* as experiencias empreendidas pela Administracão dos pharos de Frinity House para estabelecer communicações telegraphicas e telephonicas entre o navio farol *Lunh*, situado a 16 kilometros approximadamente de Walton-on-the-Naze e esta localidade.

Os resultados obtidos com os apparelhos Morse, Wheatstone e mesmo com os telephones foram perfeitamente satisfatórios, de modo que, desde já podiam ser requisitados barcos de salvacão em caso de necessidade, quer de dia, quer de noite, não só em Walton, mas tambem nas cidades vizinhas Ramsgate e Harwich.

## EPILATORIOS DUSSEY (Pasta Epilatoria para o rosto; Pelivora, para os braços)

Parfumeria DUSSEY, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau — PARIS



— Muito concorrido está hoje o theatro. Vae que agasalho o meu conselho.  
— Segui. Os Epilatorios de Dussey são uma descoberta maravilhosa; sómente tenho a pelle muito accia.  
— E que te esqueste de fazer uso da Crème moirée.

— Fanny, está tudo em ordem na minha toilette?  
— Não te esqueste da roupa alguma?  
— Não, minha senhora; aqui está a Pasta Epilatoria, tres frascos de Pelivora e a Crème moirée.  
— Bem.

— Pois quêl ainda não está pronta?  
— Não tenho tempo de li tomar banho para o meu banho.  
— E afflicto por não possas! Aqui tens um frasco da Pelivora. Vae ficar como uma nymph de Diana.

— Eis as tres crèmes; te trigalises segaladas, as lours tralhas, as lours não segaladas.  
— Mas que crèmes são estas... que epilatorias crèmes?  
— Que epilatorias? O Cam de Epilatorios Dussey todar multas epilatorias yras.

— Mas que crèmes são estas... que epilatorias crèmes?  
— Mas que crèmes são estas... que epilatorias crèmes?  
— Pois a Pasta Epilatoria é mais a Pelivora que a salvacão.



A QUÍMICA NA COZINHA  
 A FARMACIA EM CASA

Outro domo da Asociação de Res. 75

POPKIT

DR. KLENCH  
 KLENCH  
 TRADUÇÃO DO AUTÓGRAFO  
 D. BLIND DO NOROCCO

1ª versão da Biblioteca Brasileira de Farmacologia  
 Rua de Acaia, 40 e 42, Tel. 224-1234



# AS MUSICAS DA « ILLUSTRACÃO »

## LA BERCEUSE DES CLOCHES

SCHUBERT

PIANO.

*p* *pp* *mf* *pp* *p* *smorzando* *rall* *FIN* *3 Ped.*